

Tempo 579 15 de Novembro de 1981,  
pp. 18-21

# A coragem de um Partido

Exactamente vinte e duas horas antes do comício, do histórico comício sobre a legalidade (ou contra a ilegalidade), passei lentamente pela Praça da Independência da maior cidade do país. Ali naquele local, sob o sol ainda escaldante das 16.30 vi com olhos de ver o árduo labor dos trabalhadores do Conselho Executivo da cidade, preparando as condições materiais que também tornaram possível a sua realização. A minha sede de abordar qualquer daqueles homens de martelo reduziu-se ao tamanho de uma cabeça de alfinete relativamente à urgência de se pôr tudo a postos para no dia seguinte sentirmos a coragem de um Partido, de um Governo, de um dirigente. Limitei-me a ver para sentir, para compreender.

Dia 5 de Novembro: São catorze horas e vinte e nove minutos. Ouve-se da tribuna uma voz conhecida que entoia o «Khanimambo Frelimo» para, dois minutos mais tarde, começar a pôr o dedo na ferida. Sem rodeios. Frontalmente. Passo o olhar à minha volta e leio em cada rosto a mesma expressão: «aqui vai ser desmascarado o violador das leis». O relógio atrasado da catedral que se ergue imponente atrás de mim não se esquece de dar uns tantos guin-gong, roubando-me algumas frases.

A expectativa afigura-se-me grande. Tão

grande que o necessário bater de palmas é momentaneamente posto na reserva para «a fase mais quente do discurso do Comandante», como me segreda um cidadão que me trepa nos ombros «para ver bem os gestos do Marechal». O sol abrasador queima impiedosamente a multidão, mas nem um pé a arrear. Os jornais da manhã ou do dia anterior são feitos chapéus, nem que seja para proteger a vista dos raios penetrantes do sol. Aqui na praça grande a temperatura não é de 40 graus, não: regista mais, muito mais do que quarenta. Mas...

Foto: DANILLO GUIMARÃES



«A presente Ofensiva da Legalidade vai nos permitir purificar as fileiras nas nossas Forças de Defesa e Segurança» — Presidente Samora Machel



Foto: DOMINGOS ELIAS



A água dos pequenos cantis dos homens de bata branca vai sendo bebida em goles rápidos apesar de quente, quase a ferver. As torneiras das redondezas ficam demasiado longe para quem não quer perder nem uma palavra com o cóc-cóc dos sapatos e com o «com licença, com licença». «Este comício é grande» — comenta outro cidadão àvidamente atento, olhos imóveis, fixos na tribuna como que a dizer «eu quero ver para ouvir bem, embora o pescoço se vá queixando de tanto levantar».

Começa a descrição e a caracterização das manifestações de ilegalidade e suas causas históricas. A ansiedade de ver já ali à frente da tribuna os infiltrados nas Forças de Defesa e Segurança ganha forma evidente. A expectativa apodera-se dos nervos e espalha-se pelos rostos. A tranquilidade regressa quando o Presidente diz que todos os casos de ilegalidade denunciados pelo povo serão cuidadosamente estudados e os seus responsáveis severamente punidos.

Assim mesmo. O povo o exige, a lei o diz, os abusos, o crimes e as arbitrariedades o requerem. E com a mesma violência com que violaram a lei, com a mesma severidade com que exibiram a capa de todo-poderosos a coberto do uniforme e do cartão que o povo lhes entregou para os identificar como os defensores de trincheira avançada dos interesses do povo e da revolução.

Uma senhora já idosa murmura timidamente que a sua filha foi vítima dos violadores de menores infiltrados nas FDS. Entre a lamúria e

a mudança que se inicia reencontra a esperança de ver a sua filha crescer livre para ser amanha mulher nova. Uma bela jovem aqui ao meu lado esquerdo completa as palavras vindas da tribuna dizendo bem audivelmente que há uns tempos andava «cheia de medo dos fardados».

As explosões mais espontâneas e quentes surgem vivamente quando o Presidente enumera, pausadamente (às vezes repetindo três vezes), as medidas que levarão as FDS a purificarem as suas fileiras, a ganharem nova dinâmica, a saírem mais revigoradas de mais uma batalha no seu seio. A sensibilidade para com os pormenores da vida diária das populações resalta em cada alínea, em

cada medida. Os gritos e os aplausos de contentamento, por si sós, já dizem: «é isso mesmo que se impõe contra a ilegalidade; há muito que estávamos à espera; hoje é o dia do início do seu fim».

Na história da minha ainda curta experiência de vida nunca vi esta coragem, esta confiança, esta determinação em afrontar sem reservas as situações ilegais que põem em perigo o poder. A mesma coragem do 18 de Março de 1980, mas desta vez com dimensão e especificidade próprias porque atinge o sector armado, o fulcro da defesa da Revolução.

Coragem só possível quando o poder pertence ao povo. Quando esse povo foi educado para saber traçar a linha di-

A reflexão necessária, o assumir da nova fase do combate no seu seio.



Em baixo: Ver e ouvir bem, para participar na Ofensiva da Legalidade

Foto: DOMINGOS ELIAS





Foto: DOMINGOS ELIAS

visória entre os que são os princípios e as acções de um punhado de xiconhocas que em nome desses mesmos princípios atenta frontalmente contra os interesses, a segurança, a paz e a estabilidade social do povo. E contra minorias venenosas a revolução não tem contemplanções. Contra eles desencadeia um combate renhido. Ou eles ou nós. Entre estas alternativas a escolha é clara, dispensa reparos e comentários.

No caminho para casa os comentários são diversos, mas todos com o mesmo espírito. A identidade total entre as palavras do Presidente e os sentimentos das pessoas, do povo. A alegria de saber que afinal «lá em cima» as coisas não eram desco-

nhecidas; que as denúncias tinham chegado ao destino e tinham sido estudadas com a mesma seriedade com que foram encaminhadas.

Chama-me particular atenção este comentário que oiço no passeio: «haverá quem queira deturpar o espírito desta ofensiva da legalidade». É verdade, mas esse aí deve estar desde já avisado disto: as FDS não são um covil de malfetores. Por isso é que assumem a ofensiva no seu seio; por isso é que, pela voz do seu Comandante-em-Chefe, desceram à praça pública para darem a conhecer o verdadeiro diagnóstico; por isso é que desceram à praça pública para dizerem ao povo: «nós vamos limpar a nossa casa de todas as pragas que minam a nossa honra e a nossa fidelidade ao povo». E vencerão. Sim, vencerão.

**Celestino Jorge**



Apesar do calor intenso, presença em massa: o povo exige punição severa contra os violadores da Lei